

Capítulo VI

Micheliny Verunsch¹

O que é um nome? O que designa, o que define, o que marca, o que identifica? Quando um genocida realiza um primeiro movimento que põe para trabalhar as engrenagens da violência e da morte, ele só consegue fazer com que ao seu gesto prossiga aquilo que ele pretendia porque seus pés estão assentados numa sólida base de colaboradores, porque suas costas estão amparadas por uma rija coluna de comparsas, porque todo o seu corpo está articulado por uma forte estrutura de co-autores.

Eu perguntei a mim mesma por muito tempo se o nome que eu carregava comigo me fazia igual ao meu pai. Se eu seria capaz das mesmas coisas para o bem ou para o mal. E se o nome era destino, se seria impossível fugir dele. Imagina os filhos de Mussolini? Os filhos de Hitler? Os filhos dos filhos, os filhos dos sobrinhos, os que carregam, nunca inadvertidamente, esses nomes? Como suportar esse fardo? O filho de Pablo Escobar, cujo nome também é Pablo Escobar, pede a nós que nos lembremos que os crimes do pai dele não são dele. É justo. Entretanto adverte: Se eu sou também uma vítima, sou o último de uma longa lista de colombianos.

Creio que é meu dever desvelar os crimes do meu pai. E eu quero que todos os seus crimes sejam descobertos, que as crianças que foram tiradas dos braços de suas mães possam voltar para casa, que os pais, os avós e o meu país possam enterrar seus mortos e que nas lápides constem datas de nascimento e morte, que nos documentos

1 Escritora. Autora, entre outros da Trilogia Infernal, composta pelos livros *Aqui, no coração do inferno* (Patuá, 2016), *O peso do coração de um homem* (Patuá, 2017) e *O amor, esse obstáculo*, livro inédito do qual faz parte este excerto. É doutora em Comunicação e Semiótica e mestre em Literatura e Crítica Literária pela PUC São Paulo.

constem as verdadeiras causas. Eu quero que hajam lápides e documentos, entende?

Mas o que eu gostaria mesmo é que o mar se levantasse e devolvesse os mortos que foram atirados do céu, que cada um dos desaparecidos nos voos da morte retornasse com seus nomes, suas histórias, seus dedos refeitos em coral e sal a apontar os culpados.

Mas na verdade, é tão pouco o que eu posso fazer. Porém, embora mínimo, é o meu trabalho, o legado do meu pai e é por isso que preciso limpar a merda que ele fez.

Não tenho escolha, caralho!

Outro dia escutei de uma amiga, ela também filha de um torturador: se meu pai voltava toda sua violência contra sua família, contra mim, que era sua filhinha, o que não faria com os outros?

Sim, nós temos conversado, nós temos nos apoiado, não sei ainda onde isso dará, mas penso que se nos movimentamos, alguma coisa estará acontecendo.

Gosto muito da música do seu país e do que mais gosto de ouvir aqui no Brasil é uma voz, que parece vir do futuro e que anuncia

Um passo à frente e você não está mais no mesmo lugar.

Os genocidas, os torturadores, os violadores, eles não são loucos. São homens infames e ao que eles fizeram devemos responder, penso eu, com verdade, com justiça, com a estima pela memória.

Demorei um pouco para me acostumar ao português marcado pelo sotaque portenho de Mariana, não pelo sotaque em si, mas pela sua fala afobada como se as palavras borbulhassem em sua língua, como se um ovo quente entre a língua e o céu da boca a obrigasse a se livrar rapidamente do incômodo. No entanto, sua eloquência desesperada me cativou. Quando sinto urgência e verdade em alguém me sinto vinculada a esta pessoa.

Encontrei com ela e Pablo em um boteco do centro. A primeira impressão que tive foi que ela parecia uma surfista, a pele bronzeada,

sardas, os cabelos queimados de sol. Seu olhar, porém, parecia sempre triste, abatido. Na ocasião, o pai dela e o meu ainda estavam vivos e eu convulsionava como nunca com o osso duro de roer de desvelar o passado do xerife. Ela, no entanto, tinha mais clareza do que queria do que eu, voltaria em um ano ou dois para a Argentina para com a amiga tentar juntar as filhas e filhos de torturadores da ditadura em torno da defesa da verdade. Eu, do meu lado, não sabia o que faria com as coisas que ia descobrindo, os mortos do envelope pardo, o passado de torturador de papai que cada vez mais ficava mais nítido.

Eu não sabia o que fazer, mas sabia que não poderia parar. Sabia também que as coisas encontram sua finalidade.

De certo modo Mariana e eu, naquele momento, éramos como metáforas vivas dos nossos países, dos modos como enfrentamos a monstruosidade da nossa história recente. Se a Argentina condenara o golpista Jorge Videla logo que a democracia fora restaurada, em 1983, se as mães e as avós da Plaza de Mayo levantaram suas vozes ainda durante os anos de chumbo, o Brasil foi perdendo o foco de justiça e memória sob a balela de uma distensão lenta, gradual e segura, expressão inventada pelo general Geisel e que queria dizer “uma bela cagada”. Se as coisas caminhavam não era por uma pressão irrestrita da sociedade civil, mas pelo trabalho incansável das vítimas do regime, dos seus familiares e ativistas. No Brasil, por espantoso que possa parecer, existem ainda hoje imbecis manipuláveis saudosos dos tempos da repressão.

Semanas depois desse encontro e da sessão de cinema, sentindo talvez o baque do meu coração pesado por me achar um tanto como Grace em *Dogville*, Mariana cantou para mim com uma voz doce e surpreendentemente harmoniosa

Todo está guardado en la memoria

Sueño de la vida y de la historia

La memoria despierta para herir

A los pueblos dormidos

Que no la dejan vivir

Libre como el viento.